

## MODERNISMO: “ORPHEU” E “PRESENÇA”

### MODERNISM: “ORPHEU” AND “PRESENÇA”

COUTINHO, Ana,<sup>1</sup> CASTRO, Francisco,<sup>2</sup> & RODRIGUES, Maria<sup>3</sup>

---

#### Resumo

A elaboração deste artigo teve como principal objetivo o de explicar o Modernismo, enquanto movimento cultural que teve início em Portugal, nas primeiras décadas do século XX. Resultante da influência europeia, diversos artistas portugueses, desde pintores a escritores participaram neste fenómeno, destacando-se: Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros, responsáveis pela criação da revista *Orpheu*, que correspondeu à primeira fase do Modernismo português. A segunda fase ficou marcada pelo surgimento da publicação periódica *Presença*, em 1927. A influência deste movimento nas várias formas de expressão artística, na sociedade portuguesa e, por sua vez, na cultura portuguesa, são aspetos explorados ao longo do trabalho.

#### Abstract

This article aims to explain Modernism, as a cultural movement which began in Portugal, in the first decades of the twentieth century. As a result of the European influence, several Portuguese artists, from painters to writers took part in this phenomenon, such as: Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro and Almada Negreiros. They were responsible for the appearance of the *Orpheu* magazine, which corresponded to the first phase of the Portuguese Modernism. The second phase was distinguished by the periodic publication called *Presença*, in 1927. The influence of this movement on the numerous forms of artistic expression, the Portuguese society and culture are some of the aspects developed in our project.

**Palavras-chave:** Modernismo; *Orpheu*; *Presença*.

**Key-words:** *Modernism*; *Orpheu*; *Presença*.

**Data de submissão:** setembro de 2023 | **Data de publicação:** dezembro 2023.

---

<sup>1</sup> ANA MARGARIDA COUTINHO – UTAD | Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. PORTUGAL. Email: idacoutinho20@gmail.com

<sup>2</sup> FRANCISCO CASTRO – UTAD | Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. PORTUGAL. Email: franciscoluiscastro2002@gmail.com

<sup>3</sup> MARIA HELENA BOTELHO VELOSO RODRIGUES – UC | Universidade de Coimbra. PORTUGAL. Email: mariahelena.bvr@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O modernismo em Portugal surgiu como um movimento artístico e literário de ruptura com o passado, refletindo a efervescência cultural e as mudanças sociais do início do século XX. Com forte influência das vanguardas europeias, especialmente o futurismo e o cubismo, o modernismo português propôs-se a quebrar com os modelos estéticos tradicionais e a explorar novas formas de expressão, rompendo com o academicismo e com a tradição romântica e realista que predominava. O presente artigo tem como propósito evidenciar que o movimento do Modernismo foi influenciado pelos acontecimentos do período que então se vivia na Europa.

A investigação começa com uma breve contextualização histórica, de modo a “ilustrar” o período e circunstâncias em que o movimento se inicia e se desenvolve: apoiado em diversos especialistas, é analisado o fenómeno do Modernismo, enquanto movimento cultural que teve origem no início do século XX e se prolongou até ao final do Estado Novo (1970), onde emergem as suas características e manifestações. Nesse contexto, são apresentadas as várias fases deste movimento, nomeadamente: a geração de *Orpheu*, na “qual a literatura aparece associada às artes plásticas e é por elas influenciada” (Barreiros, 1989, p. 407) e, por fim, a revista *Presença* que aspira “a uma literatura e a uma arte desarticuladas, se não mesmo alheadas, de qualquer posição de carácter político ou religioso” (Saraiva e Lopes, 1987, p. 1056).

O Modernismo surge em Portugal num período que permeia a Primeira (1914-1918) e a Segunda (1939-1945) Guerras Mundiais. Na mesma altura, surgia a Teoria da Relatividade de Einstein e a Psicanálise de Freud, bem como transformações tecnológicas que iriam virar o mundo do avesso (eletricidade, telefone, avião, cinema). Todas essas situações influenciaram os pensamentos da época e, conseqüentemente o estilo deste novo movimento literário.

O legado do modernismo português foi essencial para a renovação das artes e para a afirmação de uma cultura própria, fazendo frente à pressão conservadora e aos valores tradicionais que marcaram o início do século XX em Portugal: este influenciou não só a literatura, mas também as artes plásticas, o teatro, a música e até a filosofia e o pensamento social no país.

### *Contextualização histórica*

Nas primeiras décadas do século XX, o mundo desenvolvia-se de forma rápida e acelerada, tanto a nível tecnológico como científico. Enquanto, no século XIX, desenvolviam-se concepções científicas como o positivismo, no qual existia uma forte confiança na ciência e no raciocínio, na viragem do século, começaram a valorizar-se diferentes dimensões do conhecimento, como a Filosofia e a Psicanálise (de Sigmund Freud) que, por sua vez, originaram novas formas de pensar e influenciavam as várias formas artísticas da época. No campo tecnológico, as inúmeras invenções como o telefone, o automóvel, o telégrafo, o avião, etc. sofreram notáveis progressos, possibilitando o aparecimento de novos meios de transporte, como também novos modos de vida. Assim, o Homem transformou-se num ser mais moderno e dinâmico.

Como resultado das inovações tecnológicas e das novas práticas do quotidiano, a Europa, culturalmente, vivia a *belle époque*, ou seja, um “período considerado de expansão e progresso, nomeadamente a nível intelectual e artístico” (Infopédia). Em cidades como Viena e Paris, testemunhava-se o desenvolvimento de uma forte atividade artística e surgiam novidades no campo das artes. Em 1913, assistiu-se à introdução de técnicas e dimensões artísticas inovadoras, num espírito científico e tecnológico inquieto, na confluência de vários artistas, estilos, géneros e nacionalidades e no despertar da consciência feminista. Nasceram, assim, novos movimentos artísticos, como: o futurismo, o cubismo, o dadaísmo, o expressionismo, etc., isto é, movimentos vanguardistas europeus que, mais tarde, viriam a influenciar os autores portugueses.

Enquanto as vanguardas artísticas se erguiam na Europa, colocando a descoberto um carácter novo e radical, em Portugal, o tempo parecia não ter avançado e o atraso era proeminente. Aqui a corrente naturalista era a preferida, não apenas entre o povo, mas também nas instituições oficiais e de crítica (academias). Em termos artísticos, nomeadamente na pintura, exploravam-se temas relacionados com a vida popular, que satisfaziam a burguesia em crescimento, uma vez que esta identificava-se com essas vivências tradicionais.

No contexto da 1ª República Portuguesa, instituída a 5 de outubro de 1910, os políticos republicanos eram geralmente identificados de culturalmente conservadores. No entanto, foi nesta época que surgiram aparentes sinais de mudança nos gostos e nos princípios estéticos da população portuguesa. Apesar do recente nascimento da República

Portuguesa, esta foi impotente na resolução dos problemas do país e esta agitação política deu origem a debates e críticas aos acontecimentos nacionais.

Acrescenta-se ainda que, entre 1914 e 1918, eclodiu a Primeira Guerra Mundial, colocando em causa os valores morais e espirituais, isto é, a base de sustentação da sociedade burguesa ao longo do século XIX. Foi neste contexto que se gerou um profundo pessimismo (uma crise de consciência), uma incerteza acerca do futuro e uma descrença dos valores civilizacionais no seio das sociedades europeia e portuguesa, refletido também nas obras dos intelectuais da época. As consequências sociais da participação de Portugal, neste confronto bélico, foram representadas nos textos de teatro de revista, que retratavam a intervenção do Estado português. O impacto da grande guerra, isto é, a fome, os problemas de racionamento, a crise dos valores tradicionais, entre outros encontravam-se espelhados no teatro de revista, no qual se criticavam os principais acontecimentos e caricaturavam-se as entidades envolvidas.

Neste período tão conturbado da História de Portugal, de forma a encontrar novas formas de expressão literária, um grupo de escritores e artistas decidiu separar-se do exíguo meio cultural português. Influenciados por essa agitação cultural, escritores como Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Mário de Sá Carneiro, Raul Leal, Luís de Montalvor e Ronald de Carvalho criaram a revista *Orpheu*, tendo sido publicada no Brasil pelo último escritor mencionado.

### ***Modernismo***

O Modernismo foi um movimento cultural que se desenvolveu desde o início do século XX até ao fim do regime político do Estado Novo (1970) e que afetou a literatura, as artes plásticas, a música, a arquitetura, assim como outras manifestações culturais. “É o Modernismo português um movimento estético de vanguarda iniciado e impulsionado pela geração de Orpheu (2ª década do século XX), no qual a literatura aparece associada às artes plásticas e por elas influenciada” (Barreiros, 1989, 407).

Esta nova corrente irradiou de França, mais especificamente, de Paris que, na altura, era considerada o centro artístico da Europa. Todos aqueles que desejassem conhecer o novo carácter ousado do campo das artes, dirigiam-se à capital, frequentavam os seus diferentes *ateliers* e participavam em atividades ditas boémias. De facto, grandes personalidades portuguesas foram influenciadas por este centro da vanguarda cultural

européia, nomeadamente: Mário de Sá-Carneiro que viajou para a capital francesa entre os anos 1913 e 1916, Santa-Rita Pintor e Almada Negreiros “que traziam de Paris as novidades literárias e sobretudo plásticas do futurismo e correntes afins” (Saraiva & Lopes, 1987, 1079). Aquilino Ribeiro, o “obreiro das letras” (tal como se considerava a si próprio), também presenciou, em França, o desenvolvimento da corrente modernista, apesar deste ter estado alheio aos movimentos literários da contemporaneidade:

Acaba de aparecer em Paris uma coisa estupenda, inimaginável: a arte futurista. Um habitante de outro planeta exibido numa jaula, não provocaria mais sucesso, nem mais concorrência. Os sequiosos de novidades desalteraram-se. Os amorosos de inédito desmaiaram de vultuosidade [...] Paris passa por lá, comove-se, extasia-se, empina-se, apupa, e sai divertido planteando: quels types! Com efeito quels types, os futuristas! (Machado, 2020, s.p.).

Em Portugal, o movimento estético do modernismo surgiu com a Exposição Livre de 1911, sendo esta considerada a “primeira manifestação de arte livre, ainda bastante tímida, desse desejo de modernização” (Damásio, s.d., p. 2). No entanto, a nível literário, é possível afirmar que a publicação da revista *Orpheu* foi responsável por trazer esta nova corrente e cujos escritores e artistas portugueses tinham acabado de regressar de Paris, de modo a fugir da Primeira Guerra Mundial (1914). Tal como nas artes plásticas, o modernismo literário surgiu como uma verdadeira revolução que comprometeu e fez questionar as tradições e os valores literários. Assim, infere-se que este movimento inovador tinha como princípio reivindicar a liberdade de criação artística, rejeitando os preceitos académicos.

De uma forma geral, o modernismo caracteriza-se por: um rompimento com o passado “o esquecimento do passado e o propósito eficaz de criar e contruir o futuro” (Barreiros, 1989, p. 410), afastando-se das tradições; um objetivo demolidor e irreverente; apresentar uma natureza anárquica, na medida em que se nega um princípio de autoridade o que, por sua vez, provoca a confusão e o caos e um nacionalismo crítico, no qual se critica, ironicamente, a situação cultural e social de Portugal.

### ***Geração “Orpheu”***

Em primeiro lugar, a geração de Orpheu pode ser considerada como um fenómeno literário que antecipou o modernismo num Portugal que se encontrava muito atrasado (numa fase prematura), constituindo-se uma das primeiras expressões do modernismo português. Assim, tal como afirmou Fernando Cabral Martins, *Orpheu* “é sinédoque de Modernismo, revista-signo de momento, cujo nome passa a identificar uma geração e uma poética” (Martins, 1994, s.p.).

Em 1913, Fernando Pessoa, um dos maiores poetas da língua portuguesa, e Mário de Sá-Carneiro, poeta e ficcionista português, começaram a revelar um profundo inconformismo em relação a algumas ideias estéticas literárias apresentadas em várias revistas da época, nomeadamente: *A Águia*<sup>4</sup>, na qual Fernando Pessoa foi crítico literário e *A Renascença*. José de Almada Negreiros, artista interdisciplinar do século XX, também já tinha sido criticado pelas suas pinturas publicadas n’*A Águia*, o que motivou a sua adesão ao grupo de Pessoa e Sá-Carneiro. Desta forma, estes três colaboradores iniciais da revista, juntamente com Alfredo Pedro Guisado (político, jornalista e poeta português) e Armando Côrtes-Rodrigues (poeta, dramaturgo e etnólogo português), projetaram a revista *Orpheu* com o objetivo de “se desenredarem do casulo conservador que lhes tolhia as liberdades, sonham [...] criar uma revista, onde, à vontade, pudessem publicar poemas interseccionistas” (Barreiros 1989, p. 408).

*Orpheu* também contou com a participação de artistas não ligados ao campo literário, como Guilherme de Santa-Rita, pintor português que, após viver diversas experiências artísticas em Paris, regressa ao seu país e junta-se ao projeto do orfismo, sendo considerado o impulsionador do Futurismo, em Portugal. A partir disto, verifica-se que esta nova revista detinha não só um carácter multidisciplinar, como também transcultural. Aliás, *Orpheu* refletiu um encontro transatlântico, uma vez que usufruiu (beneficiou) da ajuda de Luís de Montalvor (na verdade, pseudónimo de Luís da Silva Ramos), recém-regressado do Brasil, e de Ronald de Carvalho, poeta brasileiro, que colaboraram na edição e publicação número 1 da revista de Pessoa.

---

<sup>4</sup> Revista publicada, no Porto, poucos meses depois da proclamação da Primeira República, em 1910. Foi composta por dez números e contou com a colaboração de diferentes intelectuais como: António Sérgio, Leonardo Coimbra e Teixeira de Pascoaes que, mais tarde, em 1911, fundaram a *Renascença Portuguesa*.

Assim, no dia 24 de março de 1915, um ano após ter começado a primeira Guerra Mundial, a revista literária e vanguardista estreou-se no quadro cultural português, sendo recebida com grande escândalo por parte do público. Os críticos da altura, indignados com forma como os novos poetas se revoltaram contra as normas literárias das escolas tradicionais, apresentou-os como um grupo de “alienados e mistificadores a invadir as letras nacionais” (Barreiros 1989: 408). Muitos rejeitaram o caráter simbolista-decadentista e o violento futurismo do primeiro grupo modernista. Por sua vez, o jornal *A Capital*, poucos dias depois, publicou um artigo intitulado “Literatura de Manicómio”, no qual diretamente repreendia as ideias divulgadas na nova revista publicada.

Júlio Dantas, um dos maiores intelectuais do século XX e grande defensor dos cânones do academismo literário, foi também um grande crítico de Orpheu, publicando, em abril de 1915, um artigo titulado de “Poetas-Paranoicos”, acabando por sofrer resposta por parte de Almada Negreiros com o seu célebre *Manifesto Anti-Dantas*, um texto doutrinário no qual, de maneira mordaz e irónica, não só ridicularizou Dantas, como também toda uma geração literária: “uma geração que consente deixar-se representar por um Dantas é uma geração que nunca o foi! É um coio d’indigentes, d’indignos e de cegos!” (Negreiros, 2013, s. p.).

Apesar do escândalo na imprensa que, na verdade, até ajudou na difusão da revista, foi um enorme sucesso, provocando um grande entusiasmo no grupo que se apressou a organizar um segundo número. Contudo, devido a uma série de desentendimentos, Luís de Montalvor e Ronald Carvalho abandonaram a administração, sendo substituídos por Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. A saída do primeiro diretor, Montalvor, fez com que o caráter simbolista de *Orpheu* terminasse, tornando-se ainda mais vanguardista. O terceiro número da revista embora já estivesse pronto, acabou por não ser publicado, devido a dificuldades financeiras. A morte de Sá-Carneiro, em 1916, principal financiador do projeto, conduziu ao fim de *Orpheu*, tendo este sobrevivido apenas durante um breve período de tempo. Todavia, o fenómeno do modernismo não ficou por aqui, na medida em que os escritores orfistas difundiam as suas ideias em diversas revistas, como: *Portugal Futurista*, *Centauro*, *Contemporânea* e *Exílio*. De uma forma geral, tal como Jerónimo Pizarro, especialista em Fernando Pessoa, afirmou: “[o] *Orpheu* dá a sensação de ter sido uma sucessão de choques contínuos entre uma geração e outra – entre o mundo, o *status quo*, academia, a imprensa e a sociedade” (Cipriano, 2015), ou seja, à luz de um gosto novo, o da estética modernista, foi necessário desafiar o gosto literário instituído.

### *Características da Orpheu/ Orfismo*

Inicialmente, o grupo de Orpheu revelava um caráter simbolista e decadentista, apesar de se tratar de movimentos artísticos originários do século XIX. O decadentismo surgiu como reflexo do contexto socioeconómico da altura: “[à] medida que os esteios da Modernidade – o capitalismo e o racionalismo histórico -, foram sendo constituídos, mais intensamente o poeta sente a sua inadequação, demonstrando o seu mal-estar na visão de si mesmo e no meio em que pertence” (Rios, 2014, p. 266). Tal como o nome indica, apresenta uma visão pessimista da vida do “eu” lírico que, numa procura constante pelo fim do tédio, busca o extremo das sensações. Este estilo encontra-se representado no primeiro número da revista através da composição “Opiário”, redigido por Álvaro de Campos, que expressa o tédio, o abatimento e a necessidade de ter novas sensações, por parte do sujeito poético.

Fernando Pessoa “tentaria bem cedo o que se chamou estilo paúlco” ou *paulismo* (Barreiros, 1989, p. 409), constituindo-se um dos vários *-ismos* literários por si criados. Vários autores da *Orpheu* aderiram a este movimento literário vanguardista que, com base no simbolismo e no decadentismo, caracteriza-se por descrever impressões indefinidas/confusas, associar ideias desconexas, apresentar irregularidades a nível da sintaxe e por utilizar o recurso expressivo da sinestesia ao formular uma análise das suas sensações.

Como consequência deste movimento, surge o *interseccionismo* de Pessoa que sublinha a “interseção ou sobreposição de elementos díspares assemelhando-se às sobreposições dinâmicas da pintura futurista” (Infopédia, 2003-2021). De facto, este movimento assemelha-se a elementos da pintura futurista italiana, cujo objetivo era proporcionar sensações dinâmicas, ou seja, partindo de uma situação real, o artista afasta-se dela, de forma a provocar, no recetor, uma maior sensibilidade plástica. Deste modo, o observador já não se encontra no mundo do visível e do concreto, mas no da abstração. Um claro exemplo deste facto é a pintura de Guilherme de Santa Rita, que exhibe uma decomposição dinâmica de uma mesa, interseções de linhas diagonais, horizontais e verticais que se cruzam e complementam e que é possível de se observar no segundo número da revista *Orpheu*. A nível literário, os escritores apresentavam interseções de planos metafóricos e cruzamentos de realidades distintas ou até mesmo opostas, tal como se verifica no poema “Chuva Oblíqua” de Fernando Pessoa. Nele, entrecruzam-se diversos panoramas, tais como: o mundo da realidade e o mundo dos sonhos (onírico); o



ambiente rural e o ambiente marítimo; o tempo passado e o tempo presente, entre outros. Uma outra curiosidade é que este mesmo interseccionismo reflete-se nos diversos heterónimos pessoanos.

A revista *Orpheu* apresenta uma forte adesão ao movimento artístico e literário do Futurismo (incitado pelo escritor italiano Filippo Marinetti) que, por sua vez, propõe: a redenção às sensações da vida moderna, nomeadamente, da máquina, da velocidade, da força, da violência; expressa um desprezo por aquilo que é tradicional ou estático; foca-se na construção do futuro e, simultaneamente, procura olvidar-se do passado (das tradições) e, por fim, exalta um gosto pela vida ativa, frenética e dinâmica. No que diz respeito à poesia, o futurismo, a nível formal, evidencia uma maior liberdade métrica (existência do verso livre) e uma autonomia na escolha das palavras, apesar da correção gramatical. Assim, procurava-se desenvolver uma literatura inovadora, inspirada nas correntes do Futurismo e do Cubismo. Um exemplo representativo deste facto foi o heterónimo de Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, também conhecido por “O Futurista”:

O heterónimo Álvaro de Campos [...] prega nas odes em verso livre entusiástico, à maneira de Walt Whitman, a sabedoria futurista da sem razão, da energia bruta, da vida jogada por aposta; ou então o anseio, mais whitmaniano ou sensacionista, de ‘sentir tudo de todas as maneiras’” (Saraiva e Lopes 1987: 1084).

Na sua “Ode Triunfal”, Campos manifesta a ideia de progresso ao enumerar uma variedade de realidades novas, tal como se verifica no seguinte excerto: “Ó fazendas nas montras! Ó manequins! Ó últimos figurinos! / [...] Olá anúncios elétricos que vêm e estão e desaparecem! / Olá tudo com que hoje se constrói, com que hoje se é diferente de ontem! / Eh, cimento armado, beton de cimento, novos processos! [...]” (Martins 1986: 56). Ao contrário dos outros futuristas, o heterónimo defende uma fusão de tempos, visto que o presente é o resultado do passado e que, por sua vez, irá influenciar o futuro. Recorre ainda a diferentes formas de expressar a sua faceta futurista, tais como: apóstrofes, onomatopeias, enumerações, comparações, interjeições e frases exclamativas que não só conduzem à ideia da velocidade e da força da máquina, como também demonstra a entrega total do sujeito poético a todas as sensações (reflete o excesso de sensações). Assim, ele exprime a sua admiração com a nova realidade industrial que o envolve.

Para além disto, alguns autores de *Orpheu* aderiram ao fenómeno do *sensacionismo*, tal como se verificou no caso anterior. Um dos últimos *-ismos* criado por Fernando Pessoa, corresponde a uma corrente vanguardista que exprime o desejo de viver em excesso todas as sensações possíveis: “sentir tudo de todas as maneiras e ser tudo e ser todos” (Costa s.d.). Os poetas acreditavam que é por meio do processo sensorial se possui uma total compreensão do mundo. Para eles, não existe uma realidade objetiva (à exceção de Alberto Caeiro), mas, de facto, existem várias sensações que permitem uma perceção do real. Esta ideia também se encontra expressa nalguns poemas de Mário de Sá Carneiro, nos quais ele sofre uma crise de personalidade e revela “uma pretensa plenitude sensorial de quem sabe ‘viajar outros sentidos, outras vidas’” (Saraiva & Lopes 1987, p. 1080).

### A “*Presença*”

A segunda fase do modernismo português correspondeu ao surgimento de um outro grupo – o da *Presença*. José Régio, Branquinho da Fonseca e João Gaspar Simões, antigos colegas de Universidade, lançaram esta nova revista literária, a 10 de março de 1927, na cidade de Coimbra. O próprio José Régio afirmou:

Creio que sempre duas inclinações profundas coexistiram em mim: a que me arrastava para todos os moldes de versificação tradicional de muito cedo estudados; e a que me fazia aventurar-se não só a novas combinações, mas até a verdadeiras inovações (Barreiros 1989: 445).

Esta publicação periódica, reuniu, num total, cinquenta e quatro números, até ao ano de 1940 e contou com a participação de diversas personalidades, incluindo de alguns colaboradores da *Orpheu*: Adolfo Casais Monteiro, Afonso Duarte, Almada Negreiros, António Botto, António de Navarro, Carlos Queirós, Edmundo de Bettencourt, Fernando Namora, Fernando Pessoa, Luís de Montalvor, Irene Lisboa, Mário Sá Carneiro, Mário Dionísio, Miguel Torga, Olavo d’Eça Leal, Pedro Homem de Melo, Raul Leal, Saul Dias, Vitorino Nemésio, entre muitos outros (Barreiros, 1989, p. 432).

Tendo como subtítulo “Folha de Arte e Crítica”, a revista *Presença* distinguiu-se como sendo “mais crítica de que propriamente criadora” (Barreiros, 1989, p. 432), o que se verifica nos comentários e nos juízos de valores realizados pelos *presencistas*. Nos seus diversos números, procuraram enquadrar a sua “*presença*” histórico-literária por meio da

crítica, num constante exercício de análise e compreensão dos traços da arte e do pensamento contemporâneo.

Logo no primeiro parágrafo do primeiro número, apresentou-se o grande objetivo da *Presença*: “Em Arte, é vivo tudo o que é original. É original tudo o que provém da parte mais virgem, mais verdadeira e mais íntima duma personalidade artística. A primeira condição duma obra viva é, pois, ter uma personalidade e obedecer-lhe” (Rocha, s.d.). Então, a sua finalidade era criar uma literatura mais viva, ao apontar os dois principais defeitos dos escritores portugueses contemporâneos, nomeadamente: a ausência de originalidade e de sinceridade. Neste contexto, rejeitaram toda a literatura sem personalidade própria, enquanto produto do calculismo [“Em Portugal, raro uma obra é um documento humano, superiormente pessoal ao ponto de ser coletivo” (Rocha, s. p.)].

Além disso, uma outra finalidade omnipresente da revista traduziu-se na abertura do país português ao mundo e na valorização da arte moderna internacional, por meio da recolha e divulgação das manifestações e tendências literárias estrangeiras contemporâneas, com o intuito de combater o academismo, enquadrado no panorama cultural português.

### *Características da “Presença”*

O movimento do presencionismo alheou-se de toda a ação exterior, incluindo das várias crises políticas ocorridas em Portugal e na Europa, criando uma literatura introspetiva. Esta convergiu para o interior (íntimo) do Homem, de modo a projetar para o mundo todos os movimentos dramáticos da alma, sem fingimentos e sem retórica, ou seja, sem artifícios e de forma verdadeira. Assim, é possível afirmar que *Presença* denota um psicologismo intelectualista, que advém da teoria da psicanálise de Sigmund Freud e manifesta uma arte moderna fortemente individualista, tal como João Gaspar Simões declara no artigo “Modernismo”, publicado nos números treze e quatorze.

Além disto, idealizou uma literatura mais livre, opondo-se ao academismo (aos moldes dos princípios tradicionais) e ao jornalismo comum, visto que procuravam não depender das estruturas culturais e rejeitavam a falta de originalidade dos autores portugueses. José Sérgio, um dos fundadores da publicação periódica, revoltou-se contra “a arte contrafeita, afetada, imposta de fora e pronunciou-se por uma arte mais viva, espontânea muito humana” (Barreiros, 1989, p. 433).

Neste âmbito, a revista também defendia a arte enquanto expressão do ser humano, ou seja, acreditavam que, na escrita, a principal motivação de um escritor era esclarecer as preocupações psicológicas do Homem, isto é, os seus impulsos, ora individuais ora coletivos; os seus sentimentos contraditórios; etc., apresentando um primado do psicológico sobre o social.

Para além disto, *Presença* divulgou, sistematicamente, as contribuições dos poetas da *Orpheu* para o movimento modernista, nomeadamente: logo no número três da revista, no artigo “Da geração modernista” foi traçado o perfil das personalidades que mais se destacaram em *Orpheu* – Fernando Pessoa, Almada Negreiros e Mário de Sá-Carneiro e, no número cinco da revista, foram publicados textos do Fernando Pessoa ortónimo, do heterónimo Álvaro de Campos e um poema de Sá Carneiro. Ao longo dos restantes números, a revista contou com o contributo de Luís de Montalvor; do escritor Fernando Pessoa ortónimo, os seus heterónimos (Ricardo Reis, Alberto Caeiro e Álvaro de Campos) e o semi-heterónimo (Bernardo Soares) , do poeta e pintor Ângelo de Lima, entre outros. É necessário ainda referir que, esta divulgação tinha como propósito elaborar um conjunto de recensões críticas acerca da geração anterior e do seu trabalho, sendo eles redigidos por Régio, Casais Monteiro e Gaspar Simões.

Por fim, é possível afirmar que a revista apresentou um enorme contributo histórico-literário que se deu a vários níveis, tais como: a sistemática atividade editorial refletida na publicação duma extensa lista de livros de ficção, poesia e crítica literária; a divulgação de livros e textos literários estrangeiros, que permitiu abrir novas e diferentes perspetivas à literatura portuguesa [Gaspar Simões enalteceu o “papel que a cultura diferenciada e universal desempenha na formação e no descobrimento duma personalidade artística” (Rocha s.d.)]; o constante exercício crítico apresentado nas diversas recensões redigidas; o interesse pela filosofia (manifestado por colaboradores como Delfim Santos, José Bacelar e José Marinho) e pela arte popular, como se verifica em diversos artigos como “Subsídios da arte popular portuguesa” e “Os cantos do Natal e o sentimento religioso popular” de Afonso Duarte; na publicação de cartas de João de Deus, Manuel Laranjeira e António Nobre (importantes poetas e escritores portugueses) e na relevância dada às muitas formas de expressão artística como as artes plásticas, a dança (dado que certas personalidades deste campo artístico inspiraram a criação de poemas), o bailado, o cinema e o teatro.

## Conclusão

O legado do modernismo português, enquanto movimento artístico que compreendeu numerosas manifestações artísticas produzidas entre o início do século XX e finais do Estado Novo, foi essencial para a renovação das artes e para a afirmação de uma cultura própria, fazendo frente à pressão conservadora e aos valores tradicionais que marcaram o início do século XX em Portugal: “Tal movimento surgiu como imperativo de levar a poesia a trilhar no nosso País os caminhos ousados e originais por onde ela seguia já no resto da Europa” (Barreiros, 1989, p. 408). De facto, vivia-se, na Europa, a *belle époque*, ou seja, um período de elevado desenvolvimento artístico que, influenciou profundamente a arte em Portugal.

O Modernismo desenvolveu-se em duas consideráveis fases. Iniciou com a geração *Orpheu* que, tal como o artista Almada Negreiros afirmou, correspondeu ao “primeiro grito moderno que se deu em Portugal” (Queirós 2015). Impulsionada por Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros, esta revista *abalou* a sociedade da altura, sendo criticada por diversos intelectuais do século (destacando-se Júlio Dantas) e marcada por tendências como: o decadentismo, o paulismo, o interseccionismo, o futurismo e o sensacionismo.

A segunda fase correspondeu ao surgimento da revista *Presença*, fundada por José Régio, João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca, em Coimbra. Nesta predominou uma literatura introspetiva, mais viva e a arte como expressão do ser humano. Esta encerrou em si um enorme contributo histórico-literário ao advogar a atividade editorial, ao abrir novas perspetivas à literatura portuguesa, ao promover um espírito crítico e ao dar um maior reconhecimento às restantes formas de expressão artística.

Desta forma, conclui-se que as obras (revistas e artigos) concebidas nesta altura, espelharam os sentimentos e as vivências da época e não influenciaram apenas as manifestações artísticas, como: a música, a arquitetura e a pintura e a literatura, mas também toda a sociedade portuguesa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, C. M., Ferreira, A. M., & Costa, C. M. (2010). Aeroportos e turismo residencial: Do conhecimento às estratégias. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 13/14(2), 473-484.
- Barreiros, A. (1989). *História da Literatura Portuguesa II*. Braga: Livraria Editora Pax.
- Barreto, A. (2004, setembro 14). A falta de enfermeiros. *Público*, 5.
- Biscaia, M. (2006). *A estética decadentista em A confissão de Lúcio de Mário de Sá-Carneiro* (Tese de Pós-graduação). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Bryant, P. (1999). *Biodiversity and conservation*. Disponível em: <http://darwin.bio.uci.edu/~sustain/bio65/Titlepage.htm>
- Cabral, A. (s.d.). *Introdução à leitura de Fernando Pessoa e heterónimos*. Mem Martins: Sebenta Editora.
- Carlson, W. R. (1977). *Dialectic and rhetoric in Pierre Bayle* (Tese de doutoramento não publicada). Yale University, USA.
- Cipriano, R. (2015). Orpheu acabou. Orpheu continua. *Observador*. Disponível em: <https://observador.pt/especiais/orpheu/#title-6>
- Cooper, L., Eagle, K., Howe, L., Robertson, A., Taylor, D., Reims, H. ... Smith, W. A. (1982). *How to stay younger while growing older: Aging for all ages*. London: Macmillan.
- Costa, P. (s.d.). Sensacionismo. *Modernismo – Arquivo Virtual de Geração de Orpheu*. Disponível em: <https://modernismo.pt/index.php/s/814-sensacionismo>
- Couto, A., & Pinto, C. (2015). *Um novo tempo da história*. Lisboa: Porto Editora.
- Damásio, L. (s.d.). *A primeira exposição de pintura moderna em Portugal*. Porto: CITCEM – Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Fernandes, A., et al. (2014). *A Grande Guerra (1914-1918): Problemáticas e representações*. Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”.
- Hughes, D., & Galinsky, E. (1988). Balancing work and family lives: Research and corporate applications. In A. E. Gottfried & A. W. Gottfried (Eds.), *Maternal employment and children's development* (pp. 233-268). New York: Plenum.

- Hoyt, K. B. (1988). The changing workforce: A review of projections from 1986 to 2000. *The Career Development Quarterly*, 37, 31-38.
- Machado, A. (2020). Aquilino, Paris e os modernistas. *Expresso*. Disponível em: <https://expresso.pt/cultura/2020-07-11-Aquilino-Paris-e-os-modernistas>
- Maia, E. (2012). Alguns equívocos sobre a matemática: Uma conversa informal. *Exedra*, 6, 11-28. Disponível em: <http://www.exedrajournal.com/docs/N6/01-Edu.pdf>
- Martins, C. (1986). *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Editorial Comunicação.
- Martins, F. (1994). Orpheu Continua. In *Orpheu: Edição Facsimilada* (s.p.). Lisboa: Editora Contexto.
- Melo, M. C., & Lopes, J. M. (Eds.). (2004). *Narrativas históricas e ficcionais: Recepção e produção para professores e alunos*. Braga: Universidade do Minho.
- Miller, S. (2000). Introduction to manufacturing simulation. In *Proceedings of the 2000 Winter Simulation Conference* (pp. 63-66). Disponível em: <http://www.informssim.org/wsc00papers/011.PDF>
- Negreiros, J. (2013). *Manifesto Anti-Dantas e por extenso*. Assírio e Alvim.
- Neves, M. (2011). *A revista presença e a consumação de um projeto de cosmopolitismo estético-literário*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Nicol, D., & Liu, X. (1997). The dark side of risk. In *Proceedings of the 11th Workshop on Parallel and Distributed Simulation* (pp. 188-195). Lockenhaus, Austria: IEEE Computer Society.
- Oliveira, P. (s.d.). A Águia. *Modernismo – Arquivo Virtual de Geração de Orpheu*. Disponível em: <https://modernismo.pt/index.php/a/878-a-aguia>
- Porto Editora. (2003-2021). Interseccionismo. *Infopédia*. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/interseccionismo>
- Queirós, L. (2015). Orpheu: O primeiro grito moderno que se deu em Portugal. *Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2015/03/24/culturaipsilon>
- Ríos Hernández, M., Blanco Rodríguez, A., Bonany Jané, T., & Carol Grés, N. (1999). *Actividad física adaptada: El juego y los alumnos con discapacidad* (2ª ed.). Barcelona: Paidotribo.

Rios, O. (2014). *Raul Brandão, um intelectual no entre-séculos*. Rio de Janeiro: Letra Capital.

Rocha, C. (s.d.). Presença. *Modernismo – Arquivo Virtual de Geração de Orpheu*. Disponível em: <https://modernismo.pt/index.php/p/727-presenca>

Saraiva, A., & Lopes, Ó. (1987). *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora.

Sturgeon, T. (1995). Science fiction. In *The encyclopedia americana* (Vol. 24, pp. 390-392). Glendale: Encyclopedia Center.

Watson, M. W. (1994). Vector autoregressions and cointegration. In R. F. Engle & D. L. McFadden (Eds.), *Handbook of Econometrics* (Vol. 4, Chap. 47, pp. 2843-2915). Amsterdam: Elsevier.

Whitmeyer, J. M. (2000). Power through appointment. *Social Science Research*, 29(4), 535-555. <https://doi.org/10.1006/ssre.2000.0680>